

## casamento inesperado



Há um trecho em *O arroz de Palma* que diz: “Quero distância das religiões, mas respeito rituais (...). Individual ou coletivo, o ritual é conexão e cumplicidade. Com o outro ou com a vida: o cavalheiro segura a porta e a dama passa, o sargento ordena e o soldado marcha, o terceiro sinal toca e o ator entra, o juiz bate o martelo e a sessão se encerra. Que gestos são esses? Que comportamentos? Concluo que há sempre algo de autoritário nos rituais. Mas neles não haverá

também algo que emociona? Não haverá algo de belo e de poético? O que dizer então de casamentos? Nunca me vi diante de padre ou de juiz para responder “sim, aceito”. Quem eles pensam que são? Há séculos, as velhas togas e batinas, as velhas ameaças. Mas me comove a troca de alianças. Outra contradição – alianças são algemas. Algemas sem chaves que enternecem o compromisso, pondero. E fáceis de tirar. Fáceis de tirar? Por favor, Antonio. Menos, fantasia, por favor. A realidade é uma só: Isabel quer casar. E você, que saída?, sim, aceitará os rituais todos. O amor opera milagres.”

Pois bem, Edvane e eu estamos em Buenos Aires, quando um simples convite desencadeia todo um processo que culmina com o nosso inesperado casamento. Maria Dulce de Barros, ministro-conselheiro da embaixada do Brasil, me telefona para dizer que está oferecendo um jantar para o embaixador Sérgio Serra e sua esposa Tânia, que estão de passagem pela capital portenha. Como somos amigos do casal, gostaria muito de contar com nossa presença.

Além do mais, minha ex-colega de turma no instituto Rio Branco, embaixadora Graça Carrion, que acaba de chegar para assumir a chefia do Consulado Geral, também irá. Ora, é claro que aceitamos! Não há melhor pretexto para uma festa do que o reencontro com amigos de longa data.

No jantar, conversas divertidas e lembranças emocionadas de um grupo que tem muito o que ouvir e o que contar. Às tantas, alguém me pergunta a razão de eu vir morar em Buenos Aires. Explico que, como Edvane trabalha na embaixada e ainda tem um ano de posto, resolvi passar essa temporada com ela. Aqui, aproveito para adiantar meu romance O arroz de Palma e comemorar, no dia 11 de julho, nossos 25 anos de união.

Pronto. O cerco começa a se formar: Qual a programação? Nada de especial, sairemos para jantar e só. A indignação é geral, todos acham que casamento tão longo merece uma senhora celebração. Mas não somos casados. Ótimo, respondem. Vamos então fazer uma festa de casamento! Com convicção, me posiciono ao lado de meu personagem Antonio, que não acredita na autoridade de padre ou juiz para avalizar uma união. O xeque mate vem de imediato: “Mas, Chico, aqui em Buenos Aires quem vai casar vocês não será padre nem juiz. Será a consul-geral do Brasil, embaixadora Graça, sua colega de turma!” Mesmo pego de surpresa, argumento que também não vejo autoridade alguma na consul-geral ou na embaixadora. Mas na colega de turma e, sobretudo, na grande amiga, vejo todas as qualidades e mérito para que oficialize a cerimônia.

Debaixo de aplausos entusiasmados, peço Edvane em casamento. Ela aceita e, em pouco mais de um mês, nos casamos no consulado, justo às 11 horas do dia 11 de julho, com uma bela recepção que nos foi oferecida e que reuniu todos os amigos. Na véspera, na igreja de N.S. do Pilar, criamos nosso “sagrado ritual”: Diante de santo Antonio, trocamos as alianças que nos demos de presente. E renovamos os votos que não havíamos feito 25 anos antes, mas que fomos pondo em prática durante nossa boa e longa caminhada.